

Abastecer com álcool é mais vantajoso no DF

LUCIANA NAVARRO

DA EQUIPE DO CORREIO

Os brasileiros donos de veículos bicompostíveis têm motivos para comemorar. Levantamento feito pela Ticket Car, empresa de gestão de despesas com frota, mostra que o combustível feito da cana-de-açúcar custa, em média, 57% da gasolina no Distrito Federal. De acordo com as montadoras, o valor do álcool deve ser de, no máximo, 70% do combustível de petróleo. A diferença entre os dois, entretanto, deve diminuir este mês. Dados do Índice de Preço ao Consumidor Semanal (IPC-S) de Brasília mostram que o valor do álcool caiu 12,39% em julho e já acumula uma queda de 15,81% este ano e de 18,25% nos últimos 12 meses. A gasolina, no entanto, não registrou a mesma trajetória de queda: 1,42% no mês passado, 1,32% no ano e alta de 0,54% nos últimos 12 meses.

Com o aumento da mistura de álcool na gasolina de 23% para 25% no começo do mês passado, esperava-se redução mais intensa de preços do combustível à base de petróleo. No entanto, a maior queda foi registrada em junho e, mesmo assim, não foi proporcional à do álcool. "Ainda há espaço para nova redução de preços na gasolina, mas ela não deve manter mais a trajetória descendente em agosto porque o álcool já não está caindo tanto como na terceira semana de julho, quando registrou baixa de 14,23%", analisa André Braz, coordenador do IPC-S.

Economia

Mesmo com a pequena baixa prevista para os preços da gasolina, o álcool vai continuar sendo mais vantajoso para quem pode optar na hora de abastecer. Para a servidora pública Eliane Moura, 43 anos, a redução de preço no combustível à base de cana traz uma economia no orçamento, mas não é determinante para a escolha da bomba em que vai encher o tanque. Eliane só coloca álcool em seu carro, que roda apenas dois quilômetros a menos com o combustível. "Tenho muita preocupação com a emissão de poluentes na atmosfera, o álcool é melhor para o meio am-

Breno Fortes/CB



A SERVIDORA PÚBLICA ELIANE MOURA SEMPRE OPTA PELO ÁLCOOL AO ABASTECER: "ECONOMIZO SEM POLUIR"

biente. Com a queda no preço, economizo sem poluir", diz.

O vendedor Andrei Silva, 37, ao contrário de Eliane, só abastece com gasolina. Dono de um carro bicompostível há dois anos, usou álcool poucas vezes e não gostou do desempenho do carro. "Não valeu tanto a pena e acabo sempre abastecendo com gasolina. Nem sei quando seria melhor usar o álcool", confessa. A opção, segundo Marcelo Nogueira, gerente de negócios da Ticket Car, deve ser feita a cada abastecimento. "Em alguns estados é melhor usar a gasolina porque o álcool é mais caro, provavelmente pelos custos de transporte", explica. Pelo levantamento divulgado ontem, em Roraima, Rondônia, Sergipe, Piauí, Pará, Paraíba e Amapá é mais vantajoso optar pela gasolina. A pesquisa é feita com 8 mil postos cadastrados em todo o país. No DF, a base de consulta tem 60 postos.

Inflação

Apesar da queda registrada nos preços dos combustíveis em julho, o IPC-S da última semana do mês registrou aceleração de 0,47% na taxa de variação, 0,07 ponto percentual acima da verificada na semana anterior. A ali-

mentação foi o principal responsável pelo acréscimo. Os preços subiram 1,58% com destaque para frutas (3,45%), laticínios (7,10%) e carnes bovinas (4,28%).

Os valores das tarifas de recreação também aumentaram, puxadas pelas passagens aéreas, que subiram 4,51% e têm peso de 1,68% no grupo de educação, leitura e recreação. Esse grupo representa 16% do índice calculado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). No ano, os bilhetes aéreos acumulam alta de 10,62% e, nos 12 meses, de 17,72%. Apesar da crise nos aeroportos e dos anúncios recentes de aumento das passagens, André Braz, coordenador do índice, não credita as altas registradas pelo IPC-S ao caos vivido pelo sistema aéreo. "Há uma alta nos preços comum nesta época do ano", afirma.

Os preços de habitação também subiram graças aos acréscimos de 1,06% nos condomínios, consequência do aumento da folha de pagamentos, das tarifas públicas e dos preços de materiais usados na manutenção e limpeza dos prédios. Essa categoria representa 5,82% do grupo habitação, que equivale a 30% do índice.

CRESCE VENDA DE GENÉRICO

As vendas de medicamentos genéricos cresceram 23,2% no primeiro semestre deste ano, ritmo mais de quatro vezes superior ao registrado pela indústria farmacêutica brasileira, que vendeu 5% a mais no mesmo período. Em faturamento, a expansão dos genéricos é ainda maior, de 44,5%. De janeiro a julho, o segmento movimentou US\$ 681,4 milhões. A receita bruta do mercado total cresceu bem menos, 18,4% (US\$ 5,5 bilhões). "Sem os genéricos, a indústria farmacêutica estaria estagnada", afirma Odnir Finotti, vice-presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Medicamentos Genéricos (Pró-Genéricos). Segundo ele, o forte crescimento do setor se deve ao aumento da confiança da população em relação aos genéricos e à maior oferta de produtos (já são 1,6 mil), para o tratamento de 90% das doenças existentes. (Da Redação)